

AZEVEDO, Sônia Machado de. Da arte de habitar o próprio corpo. São Paulo: Escola Superior de Artes Célia Helena-ESCH. Pesquisadora artista e Professora.

RESUMO

A comunicação aborda pesquisa desenvolvida com alunos de curso de bacharelado em teatro. Reflete possíveis caminhos didáticos rumo ao autoconhecimento, percepção e aceitação de si mesmo no mundo contemporâneo. A partir da interligação de princípios estabelecidos por Rudolf Von Laban na pesquisa do pensamento/movimento; da auto investigação de si mesmo indicado no trabalho stanislavskiano e no trato com a energia produzida em estados criativos nos espaços potenciais de D.W. Winnicott, o trabalho com alunos iniciantes busca a experiência da presença e a produção de energia criativa a partir desses estados presenciais. O trabalho prático tem como território teórico os escritos de Emmanuel Lévinas (a questão do rosto); de Merleau Ponty (o outro e o diálogo com o mundo). O trabalho inicial com atores artistas tem como objetivo final a sensação de habitar o próprio corpo, de perceber-se pessoa nos espaços da realidade e nos espaços da criação propostos por todas as artes da cena. É o início de uma investigação que busca tornar visível o invisível através do deixar acontecer e do abandono ao fluxo de comunicação mundo interior/mundo exterior. Na busca de nossa humanidade tantas vezes esquecida podemos tocar o infinito desconhecido de nós mesmos, o que torna esse aprendizado e ofício cercado de mágica beleza.

PALAVRAS-CHAVE: Escuta, corpo habitado, percepção e presença.

ABSTRACT

KEYWORDS: Listening, inhabited body, perception and presence.

The communication discusses ongoing research with students of the graduation in Theater. It reflects possible didactical routes towards self-knowledge, perception and acceptance of oneself in contemporary world. From the connection of principles established by Rudolf Von Laban in the research of the thought/movement; the self-investigation indicated in the stanislavskian work and the dealing with the energy produced in creative states in D. W. Winnicott's potential space, the work with beginner students pursuit the experience of presence and the production of creative energy from this presencial states. The practical work has as theoretical territory the writings of Emmanuel Lévinas (the issue of the face); Merleau-Ponty (the Other and the dialogue with the world). The initial work with artist actors has as final goal the sensation of inhabiting the own body, perceiving oneself as a person in the reality spaces and in the creative spaces proposed by all scenic arts. It is the beginning of an investigation that is aiming to turn visible the invisible through letting happen and leaving behind the communication flow between inside and outside world. In the quest for our own humanity many times forgotten we can touch the unknown infinity of ourselves – what makes this learning and this craft surrounded by a magical beauty.

Todo pesquisador realiza seu trabalho a partir da sua própria vida, do seu próprio olhar e do lugar onde se encontra no mundo. E todo pesquisador é um cidadão desse mundo circunscrito ao seu tempo histórico e à sua própria história de vida.

O pesquisador nunca caminha só; ele necessita da companhia dos outros que vai encontrando vida afora, acompanhantes reais e acompanhantes que não conhece pessoalmente, que lhe chegam a partir do estudo e dos livros, mas que passam a fazer parte da sua jornada e de sua família cultural.

O pesquisador artista busca a si mesmo. E o pesquisador das artes presenciais termina por se investigar, detalhada e minuciosamente, numa troca ininterrupta com o outro e com o mundo, em tempo real e presente. Deixa-se habitar poeticamente pelo mundo enquanto tenta continuamente habitar-se, estar em si, escutar a vida latejando dentro do seu próprio ser e ao seu redor. Tenta escutar-se e ao mundo e conversar com ele.

Hannah Arendt, uma de minhas constantes companhias, e com quem minha pesquisa dialoga há mais de dez anos, fala da necessidade de busca da própria história, uma história que me coloca como ser único entre os meus pares, que me garante em vida um lugar que me foi assegurado por nascimento. A consciência de minha unicidade, minha consciência de ser um ser único na sociedade e de ocupar nela um lugar, ao mesmo tempo me livra da massificação e do autoritarismo e me oferece a oportunidade de contribuição pessoal a esse mundo humano e à cultura à qual pertença, algo novo que só eu mesmo posso oferecer.

E se Hannah Arendt fala do aparecimento de alguém, da necessidade da existência tão singular desse alguém ser testemunhada pelos outros, Emmanuel Levinas completa meu pensamento com seu conceito de Rosto, um rosto sempre à meia luz, e me fala de um passado longínquo que está sempre chegando e já passando, na fugacidade do instante, rumo a improváveis futuros. Isso é Presença, fluxo de presentes encarnados.

Por sua vez Merleau Ponty nos ajuda a conduzir um trabalho que se baseia no reconhecimento de si a partir do outro, no outro. Dessa maneira organizam-se os encontros e a busca segue entremeando uma estrutura investigativa que é a do viver o aqui agora, privilegiando estados meditativos, reconhecendo o artista como o investigador de si e do mundo, capaz de desenvolver a capacidade da escuta de seu corpo, seus desejos e seus impulsos.

Em Winnicott encontramos o conceito de espaço potencial, aquele que vai se alinhavando desde o nosso nascimento e tece o chão no qual pisamos, que ao mesmo tempo é risco e segurança, é mão de mãe, reconfortante e segura a nos guiar pelo desconhecido da criação, e é ao mesmo tempo beira de abismo, risco de queda criativa para longe das nossas zonas de conforto e costume.

Nesse momento esses quatro teóricos circunscrevem nosso chão, o lugar de onde vislumbramos o horizonte, ao qual utopicamente nos dirigimos a cada dia.

O artista da presença, qualquer que seja o nome que a ele dê: performer, intérprete, ator, dançarino, vive nesse instante a instante sua vida efêmera e plena. Mutante, ele se move entre ecos do instante que está sempre passando, em fluxo constante e ininterrupto, percepções informes que se atualizam rapidamente a cada momento e formas/imagens sucessivas nas quais vive. Essas imagens trazem para a visibilidade da cena, outras como as dos sonhos, ora em fiapos, tentando ordenar o caos e o risco que permanentemente o rondam, ora em estado de total lucidez.

Assim esse artista aprendiz retoma a relação mais simples de todas ao se oferecer a outro homem, no tempo real de sua vida tão passageira, contando com a possibilidade de reconhecerem-se ambos em sua mesma condição de ser gente, em sua imensa singularidade.

Jovens alunos desenvolvem uma pesquisa em que os componentes do movimento: peso, tempo, espaço e fluência caminham desenhando estradas claras por onde seguir. E essas estradas passam, necessariamente, pelo outro, outros com os quais o trabalho se realiza. Então, enquanto que o ator jovem caminha no sentido de se colocar em situação, de se colocar no lugar do outro, ao mesmo tempo o faz sempre a partir de si mesmo, como quer Stanislavsky, num ofício que pode ser apreendido, mas não pode ser ensinado. O caminho é performático, é o de percorrer a estrada que vai do não dito ao dito, do invisível ao traço, à visibilidade e clareza de formas e situações vividas na poesia da cena. Caminho de um permanente atualizar a vida em seu fluxo.

Além das aulas para alunos iniciantes esse relato abrange também trabalho que se realiza no Núcleo de Pesquisa da Presença – NPP, da Escola de Artes Célia Helena – ESCH, formado em junho de 2012 e composto de dezesseis jovens artistas pesquisadores, alguns já formados e atuando profissionalmente.

Quando estamos reunidos na nossa sala de trabalho sei que de um modo muito simples estamos refazendo passos por lugares por onde tantos e tantos pesquisadores já passaram; estamos à procura, cada qual, de escrever sua história, mas imersa nessa grande História a qual todos pertencemos. Na prática seguimos trabalhando com Rudolf Laban e, acreditando firmemente que nos (re)conhecemos no outro e nos (re)conhecemos nós mesmos a partir do encontro que o outro nos propicia; intentamos uma busca a partir da poesia que habita nossos corpos no momento mesmo da criação. Trata-se de uma busca a partir do binômio E/F (esforço/forma) labaniano e seus desmembramentos na formalização do corpo que habitamos.

Buscamos no outro nossa face, talvez a que ainda não foi nomeada e da qual não conhecemos todos os contornos. E fazemos isso com a delicadeza que Levinas recomenda: um rosto sempre à meia luz, para deixar que se garantam seus espaços de segredo e seus mistérios. Um corpo sempre à meia luz. Como um mistério que traz o inevitável infinito do tempo e da morte. E

vidas que se nos apresentam em revelações sucessivas, tantas vezes imprevistas.

Não podemos nos esquecer de que enquanto estamos trabalhando nesse lugar intermediário entre se ser um e se ser outro, entre viver a realidade do próprio si mesmo e da própria vida e o corpo do outro (escolhido/trazido) caminhamos em nossa vida na arte, instante a instante, na magia que só os espaços potenciais nos trazem, como nos conta Winnicott. Penetramos nesse lugar/momento de todas as possibilidades, lugar/momento de jogo, do ser e não ser, de onde viemos e dos primórdios de nossas vidas. O espaço potencial, espaço de cumplicidade, sem qualquer tipo de preocupação rotineira e diária nos tem reservado experiências que, se por um lado destravam nós antigos de corpos colonizados desde o nascimento, por outro nos levam a esse lugar onde tudo parece ter acabado de vir à luz.

O Núcleo de Pesquisa da Presença tem a intenção artística de mostrar personas encontradas na solidão do mundo e, através do trabalho cênico resgatá-las do seu anonimato e simbolicamente trazê-las para a luz do testemunho dos outros, basicamente na tentativa de dar voz a quem a perdeu, ou a quem nunca pode ser escutado, numa espécie de justiça poética.

Esse processo individual que se realiza sob o olhar e o compartilhamento de um grupo visa conhecer, como que de dentro, ou por dentro, os modos tão pessoais e particulares de criação investigando como se dão esses processos criativos em sua inteireza. O artista, nesses casos, é seu próprio suporte: seu corpo/o si mesmo é a obra formada e revelada.

No trabalho de finalização desse ano de 2014 apresentamos “Horizontes Escorregadios” um espetáculo colagem composto por retalhos que nossos olhares capturaram e recriaram. Ocupamo-nos de pessoas sozinhas, nas mais diferentes situações, que vagam invisíveis pela cidade, que percorrem ruas e avenidas, sem que ninguém as note, cujos desejos não têm nenhuma escuta.

Do ponto de vista estético buscamos investigar as fronteiras entre o intérprete narrador de si e do outro, ao mesmo tempo. Os limites que se impõem entre um fato mostrado e um fato vivido são investigados e a busca da presentificação de ações as mais simples norteia o trabalho interpretativo, aquelas ações que, por si só, contam histórias veladas, histórias que nem sabem ser contadas, que nem sabem que estão sendo contadas. O objetivo então passa ser a procura de histórias que nos motivem, trespassem e toquem e que talvez, por isso mesmo, venham a ter potência para tocar o outro.

Todo e qualquer conteúdo do pensamento: percepção, ideia sensível, lembranças e palavras, uma imagem inédita imaginada ou guardada na memória, constitui no artista do corpo rastros do vivido que desenham a energia das formas conseguidas. De um modo bastante simples tentamos investigar como os desejos humanos se manifestam no que chamamos um eu mesmo e como esses impulsos podem caminhar rumo ao exterior em formas visíveis. Entrar no fluxo do tempo, procurar a ponte que nos (re)liga a nós

mesmos tudo o que pode nos enraizar e nos fazer pertencer àquilo que realmente somos.

Essas experiências são conversas alargadas, pois marcam a passagem de um mundo familiar para outro estranho, entre o ator e seu receptor, quando a proximidade é bastante grande numa condição intermediária entre dois mundos. Entre o que corre por dentro e o que se manifesta num fora; entre o que chamo de as fronteiras do eu e do outro é que estamos. Nesse entre localiza-se nossa pesquisa.

Desse modo sou devolvido a mim mesmo enriquecido por ter, de algum modo, penetrado em outro mundo diferente do meu, na forma criada por alguém, forma visível e encarnada de sentimentos, que antes não tinham existência em minha história de vida. Como se eu tivesse, por algum tempo, participado do destino de outrem, deixando-me visitar por ele em sua materialidade, percorrendo junto com ele os caminhos percorridos em direção à persona que me trouxe.

Desse modo o ator busca-se a partir do outro, nesses espaços entre o real e o imaginário, a realidade e os sonhos, entre o que precisa ser dito e o como dizê-lo, numa atenção que flutua no aqui agora, numa atenção que desconhece passado e futuro enquanto paradoxalmente alimenta-se do primeiro e ruma em direção ao segundo.

Esse exercício, a partir do corpo como obra viva, pressupõe um diálogo ininterrupto, uma conversa sem fim na qual as palavras vão nascendo e se fazendo escutar em meio ao barulho do mundo. Como se houvesse a possibilidade, sempre ardente, de se criar espaços de silêncio e vazio onde a menor das descobertas pode ser avassaladora e próxima do maravilhoso das nossas existências humanas.

Referências:

- ALSCHITZ, Jurij. A vertical do papel: um método para a autopreparação do ator. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ARENDRT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Perspectiva, 2002.
- AZEVEDO, Sônia Machado de. O papel do corpo no corpo do ator. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- LABAN, Rudolf. Domínio do Movimento. São Paulo: Summus, 1978.
- LEVINAS, Emmanuel. Ética e Infinito. Lisboa: Edições 70, 2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. O visível e o Invisível. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.